SÉRIE 4 - N.º 183 | OUT/DEZ - 2025 TRIMENSÁRIO - € 0,20 | PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES** | WWW.**URAP**.PT | geral@urap.pt

UNIÃO DE RESISTENTES
ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

Tempo de lutar e resistir com determinação e confiança

Vivem-se tempos difíceis para os trabalhadores, as mulheres, os jovens e os reformados. Às eleições legislativas de 18 de Maio, que se traduziram num claro reforço da direita e da extrema-direita na Assembleia da República e da formação de um governo da AD, ainda que minoritário, seguiram-se as eleições autárquicas de 12 de Outubro, que confirmaram os avanços da direita também neste campo, com a conquista da maioria dos municípios e consequente conquista da presidência da Associação Nacional de Municípios.

As consequências destes avanços da direita e da extrema-direita, protagonizados pelo PSD/CDS, pela IL e pelo Chega, não se fizeram esperar. O Governo PSD/CDS prosseguiu e intensificou uma política de direita contra os interesses dos trabalhadores e do povo, colocando-se claramente ao serviço dos grandes grupos económicos e das multinacionais, que continuam a acumular lucros escandalosos, enquanto do lado dos trabalhadores se aprofundam desigualdades, injustiças e ataques aos seus direitos e liberdades consagrados na Constituição da República Portuguesa.

Prossegue a política de baixos salários e pensões, de desmantelamento progressivo de serviços públicos emblemáticos e essenciais decorrentes da Revolução de Abril, como o Serviço Nacional de Saúde e a Escola Pública, a crise da habitação que impede, desde logo, os jovens de constituírem livremente as suas próprias famílias, o ataque à contratação coletiva, a desregulação da vida familiar com o trabalho por turnos e aos fins de semana, nomeadamente.

Como se não bastasse, o Governo PSD/CDS veio agora arrogantemente apresentar um pacote laboral, com mais de uma centena de alterações, que é uma espécie de declaração de guerra aos trabalhadores, articulado com as confederações patronais e que vem ao encontro dos objetivos de aprofundamento da exploração dos trabalhadores, que vem sendo igualmente defendido pela IL e pelo Chega. Manutenção de salários baixos, mais facilidade de despedimentos, mais precariedade, mais desregulação e aumento de horários de trabalho, ataque aos direitos de maternidade e paternidade, destruição da contratação coletiva e ataque à liberdade sindical e ao direito à greve - eis a receita do Governo PSD/CDS para o que hipocritamente designa de «modernização e desenvolvimento da economia nacional».

A resposta dos trabalhadores e das centrais sindicais não se fez esperar e a Greve Geral de dia 11 de Dezembro, que a URAP apoiou desde o primeiro momento, foi uma extraordinária demonstração da indignação dos trabalhadores do sector público e do sector privado, e da determinação de se oporem aos pérfidos desígnios do Governo e dos seus apoiantes.

A URAP incentiva todos os trabalhadores e os democratas e antifascistas a prosseguirem, com o movimento sindical, a luta contra o pacote laboral e por uma política ao serviço da melhoria das condições de vida dos trabalhadores e dos reformados.

No dia 18 de Janeiro os portugueses vão ser chamados a eleger um novo Presidente da República. No complexo contexto da política nacional, este acto convoca-nos para novo combate, o da escolha do candidato que, pelo seu percurso de vida, propostas, compromisso e clareza de objetivos, melhor garanta a defesa dos valores democráticos e a defesa e cumprimento da Constituição da República. Esse será o candidato no qual devemos concentrar a nossa participação e o voto.

A ascensão da extrema-direita à liderança em muitos países de vários continentes, sobretudo na Europa/UE e nos EUA, ressuscitando ódios e práticas racistas e xenófobas, contra minorias e migrantes, exige de todos nós democratas e antifascistas, um firme combate, a intensificação do esclarecimento, da resistência e a mobilização antifascista.

A URAP, associada da FIR – Federação Internacional de Resistentes, é parte do largo movimento nacional e internacional que luta pelo fim das guerras e pela paz no mundo, que denuncia e combate o militarismo e a guerra, as políticas de dominação e de exploração das grandes potências e os interesses da indústria armamentista, exigindo, tal como a Constituição da República Portuguesa consagra, os esforços diplomáticos na procura de soluções negociadas para a resolução dos conflitos e a garantia da paz, nomeadamente na Ucrânia, no Sudão, o fim do genocídio do povo palestiniano às mãos de Israel e a construção do Estado Palestiniano, livre e soberano, bem como o fim da recente agressão à Venezuela e do criminoso bloqueio dos EUA a Cuba, que perdura há mais de 60 anos, e o fim da agressão de Marrocos ao povo Saarauí e a conquista da soberania da República Árabe Saarauí Democrática (RASD).

É urgente travar o passo às forças que procuram aumentar as desigualdades e a exploração dos trabalhadores, que promovem o ódio e a guerra, que todos os antifascistas se unam neste caminho que é o da democracia e da liberdade, da luta contra o militarismo e as guerras, por um mundo de Paz e de Progresso.

Carlos Mateus

Recolha e investigação de arquivos *Projecto Alfredo Caldeira, promovido pela URAP, investiga registos prisionais na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico-Militar* - *Págs. 8 e 9*

URAP lança nova colecção de livros - *Pág. 6*

Visita ao Saara Ocidental - *Pág. 13*

IX Encontro/Convívio de ex-presos e democratas decorreu em Peniche

O já tradicional Encontro/Convívio de ex-presos, antifascistas e outros democratas que a URAP organiza para assinalar o início do processo reivindicativo que levou à criação do Museu Nacional da Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche, inaugurado em Abril de 2024, decorreu dia 25 de Outubro e contou com a intervenção do coordenador da URAP José Pedro Soares.

Perante cerca de 120 pessoas, vindas de diversos pontos do país, José Pedro Soares referiu a importância da actividade da URAP e a sua diversidade, lembrando que a organização comemora 50 anos a 30 de Abril de 2026.

Neste IX Encontro realizou-se uma visita guiada ao museu, tendo servido de guias os ex-presos políticos José Pedro Soares, José Marcelino, Manuel Candeias e Xico Braga.

A directora do museu, Aida Rechena, que não pôde estar presente, enviou uma saudação na qual saúda o Encontro e faz um ponto de situação do trabalho do museu.

Após as intervenções, o Encontro encerrou com a actuação de dois artistas, que entoaram várias canções do cancioneiro popular e da luta antifascista.

Noventa anos da Guerra das Espoletas assinalados em Peniche

A URAP e a Associação Amigos do Museu Nacional Resistência e Liberdade - Fortaleza de Peniche (AAMNRL-FP) organizaram, dia 15 de Novembro, um roteiro/visita aos locais onde há 90 anos decorreu a Revolta Popular de Peniche, conhecida também por Guerra das Espoletas.

Esta iniciativa evocativa do 13 de Novembro de 1935 em Peniche, que juntou cerca de 30 pessoas, iniciou-se com uma concentração na Praça Jacob Rodrigues Pereira, onde interveio João Neves, do Núcleo de Peniche e do Conselho Direti-vo da URAP, que guiaria toda a visita. Os participantes estiveram ainda na Capitania do Porto de Peniche; na actual Avenida 25 de Abril (antiga Avenida Salazar), junto ao monumento ao 25 de Abril; frente à antiga fábrica conserveira (actualmente escola secundária); e junto à entrada da Ponte Velha.

Em todos os locais, João Neves fez uma evocação histórica e falou da luta dos pescadores motivada pela proibição de pesca durante um ano dos barcos que usaram espoletas (dinamite) como técnica de pesca, dando origem à prisão dos 62 mestres destas embarcações.

No final do roteiro foi sublinhado que a luta do povo de Peniche foi vitoriosa pois acabou com a proibição da pesca e os mestres dos barcos foram libertados. Foram também libertados os 45 populares que tinham sido levados para a prisão do Limoeiro. Vitoriosa ainda porque, finalmente, o governo foi obrigado a iniciar a obra de construção do molhe Oeste, que constituía uma importante reivindicação dos pescadores.

Os barcos condenados representavam 75% da frota de pesca de Peniche e a não ida ao mar durante um ano agravaria ainda mais a pobreza e a fome.

Álvaro Pato, vice-presidente do Conselho Fiscal da URAP e presidente da AAMNRL-FP, usou da palavra para salientar o empenho nesta evocação dado tratar-se de uma visita à memória viva da luta da resistência ao fascismo, que ultrapassa as paredes do Museu Nacional Resistência e Liberdade - Fortaleza de Peniche.

O Motim de Peniche ou Guerra das Espoletas inscreve-se nas grandes lutas da resistência ao fascismo, nos anos 30 do século passado, contra a repressão, a miséria e a fome.

URAP
Propriedade e edição da
UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA • TELEFONE 213 576 083
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

Operário corticeiro Cândido Capilé morto em 1961 durante manifestação

O operário corticeiro Cândido Capilé, de 28 anos, foi morto em Almada por uma força conjunta da PIDE, GNR e PSP, no dia 11 de novembro de 1961, durante uma manifestação convocada para denunciar a burla eleitoral ocorrida nas eleições legislativas desse ano, quando uma força policial disparou contra os manifestantes que gritavam «Abaixo o medo» e «Não há medo». As pessoas começaram então a dispersar. Contudo, Cândido Martins Capilé foi atingido mortalmente por uma rajada.

Para falar sobre este assassinato, o núcleo de Almada da URAP organizou uma sessão no salão de festas da Incrível Almadense, para a qual convidou Domingos Abrantes, que fez uma intervenção sobre as numerosas lutas daquela época, nas quais se inseriu a manifestação de trabalhadores em Almada. Presente esteve, também, Luís Pacheco, que conheceu Cândido Capilé desde criança e esteve presente na manifestação onde este acabaria por ser assassinado (ele próprio viria a estar preso em Caxias).

O núcleo de Almada da URAP fez um folheto explicativo e uma placa evocativa de Cândido Capilé, em mármore, para colocar no local do assassinato, a qual inclui uma homenagem ao pintor José Dias Coelho, também assassinado pela PIDE, em Lisboa, a 19 de Dezembro de 1961. José Dias Coelho foi autor de um desenho que representa a morte de Capilé e que seria publicado no jornal Avante! na 2.ª quinzena de Novembro desse ano. A cerimónia terminou com um Momento musical com Francisco Naia.

Núcleo da URAP de Viana do Castelo organiza homenagem a José Gonçalves Carvalhido Lima

O núcleo da URAP de Viana do Castelo organizou, dia 27 de Setembro, uma homenagem ao antifascista José Gonçalves Carvalhido Lima, por ocasião do centésimo aniversário da sua morte, que contou com diversas intervenções e um concerto musical.

Em nome da URAP interveio na sessão de homenagem, que decorreu na sede do Viana Taurino Clube, o advogado Dantas Ferreira. Estiveram presentes cerca de 60 pessoas, entre as quais diversos familiares de José Gonçalves Carvalhido Lima, militante do PCP.

Dantas Ferreira traçou um perfil do homenageado, destacando que «ser antifascista é defender a vida, a igualdade e o direito de cada pessoa existir com dignidade. É recusar a tirania e a violência que buscam calar consciências e subjugar povos».

Após recordar que José Lima foi um preso político do fascismo, o orador lembrou que «a sua passagem pela prisão é lembrada não como uma derrota, mas como símbolo de resistência. Transformou o sofrimento em testemunho e a adversidade em exemplo».

A sessão foi preenchida por música, especialmente concertos de violino, e declamação de poesia, intercalados por intervenções por parte de familiares e amigos do homenageado que enalteceram a sua personalidade e verticalidade como homem e político.

URAP exibe três filmes no V Ciclo de Cinema promovido pelo núcleo da Moita

O V Ciclo de Cinema promovido pelo núcleo da Moita da URAP e destinado este ano a assinalar os 80 anos do fim da II Guerra Mundial, começou, dia 18 de Outubro, no Moinho da Moita – Alhos Vedros, com a exibição do filme "Hitler e Goebbels", do realizador Joachim A. Lang. A sessão contou com a intervenção de António Lima Coelho, ex-presidente da Associação Nacional de Sargentos.

Decorreram mais duas sessões, dias 25 de Outubro e 8 de Novembro, com a exibição dos filmes "Relatório Auschwitz",de Peter Bebjak, exibido no dia 25 de Outubro; e, a 15 de Outubro, "O Comboio de Ártico", de Henrik Martin Dahlsbkken. A seguir aos filmes houve debates animados pelo jornalista Bruno de Carvalho e o militar António Lima Coelho, respectivamente.

Documentário "Aqueles que Ficaram (Em toda a parte todo o mundo tem)" exibido em Vila Real de Santo António

A URAP assistiu à exibição de "Aqueles que Ficaram (Em toda a parte todo o mundo tem)", um documentário realizado por Marianela Valverde e Humberto Candeias, apresentado no SIBFest - Festival Internacional da Cinema 2025, que decorreu entre 28 a 30 de Novembro, em Vila Real de Santo António. A delegação da URAP era composta por Edgar Costa e Adriano Encarnação, do Conselho Directivo, e Marianela Valverde, do Conselho Nacional, e esteve presente no festival a convite do co-realizador Humberto Candeias. Após a exibição do documentário, que dá voz aos familiares de resistentes, aqueles que enfrentaram, em silêncio, as consequências do regime fascista, houve uma conversa entusiasmada entre o público e os representantes da URAP, na qual foram abordadas questões relacionadas com o tema e com a conjuntura política actual.

A Constituição e a actualidade debatidas no Barreiro

A Cooperativa Cultural Barreirense acolheu, no dia 6 de Dezembro, a sessão "A Constituição Portuguesa e a Actualidade", promovida pela URAP. As mais de 30 pessoas presentes ouviram o antigo deputado constituinte (eleito pelo PCP) José Manuel Maia partir da sua experiência pessoal de operário da Lisnave e membro da primeira Comissão de Trabalhadores da empresa para reflectir sobre temas da atualidade, como a politica de direita do Governo e o violento ataque aos direitos dos trabalhadores expresso no Pacote Laboral.

Foram vendidos 8 livros das edições da URAP e inscreveu-se uma nova associada. Por fim realizou-se um pequeno convívio com o prometido moscatel.

Reuniu o Conselho Nacional da URAP

O Conselho Nacional da URAP reuniu-se dia 12 de Novembro na Casa do Alentejo, em Lisboa, com a participação de 55 dirigentes de todo o país. A sessão foi presidida por Carlos Mateus, da Comissão Executiva, e na mesa encontravam-se João Madeira Lopes, presidente da Assembleia Geral, José Pedro Soares, coordenador da URAP, e César Roussado, Edgar Costa e Teresa Lopes, do Conselho Directivo.

José Pedro Soares fez a primeira intervenção, na qual abordou as questões políticas e sociais mais prementes, assim como as iniciativas e tarefas que a URAP tem pela frente, perspectivando os 50 anos da organização, que se assinalam em 2026.

Na sessão, intervieram 22 responsáveis de núcleos e activistas da URAP que apresentaram uma informação pormenorizada sobre o trabalho dos respectivos núcleos.

No final dos trabalhos foi aprovado, por unanimidade, o documento «Nos 50 anos da URAP, Abril, Abril sempre - Resistir e lutar». O documento saúda os portugueses que lutam pela democracia e liberdade, enquanto condena os retrocessos que a política de direita tem trazido a Portugal, exemplificando muitos deles.

«Portugal pode ser um país muito melhor», lê-se no texto, que aconselha «uma política diferente, que enfrente discriminações, combata a pobreza e a precariedade nas relações de trabalho, garanta melhores salários e pensões, maior justiça social e o cumprimento da Constituição da República Portuguesa». Aborda as eleições para a Presidência da República, marcadas para 18 de Janeiro próximo, e apela à escolha do candidato que «melhor garanta a defesa dos valores democráticos e a defesa e cumprimento da Constituição da República». Saúda os eleitos das autárquicas de 12 de Outubro passado, «empenhados na defesa do bem-estar e direitos das populações».

No documento, denuncia-se «o efeito regressivo e perigoso para o regime democrático do crescimento da direita e da extrema-direita e dos seus projetos reaccionários e retrógrados», afirma-se que a URAP é «parte do grande e largo movimento nacional e internacional que luta pelo fim das guerras e pela paz no mundo» e congratula-se «com o aproximar dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa, a celebrar em Abril de 2026».

Lembra ainda que a URAP «celebra a 30 de Abril de 2026 os 50 anos da sua fundação», ao mesmo tempo que faz um balanço do trabalho realizado e a realizar pela organização.

URAP tem nova sede nacional em Lisboa

A URAP celebra 50 anos em 2026 e vai ter uma nova sede na cidade de Lisboa. Um espaço onde poderá receber associados e amigos, efectuar reuniões de comissões, grupos de trabalho, núcleos da cidade e distrito de Lisboa e também dos órgãos sociais.

A nova sede é um passo importante na vida e actividade da URAP.

Com o fim do pequeno espaço que a URAP usava para o seu funcionamento, concretizou-se um sonho, e uma necessidade que há muitos anos nos acompanhava. Ao mesmo tempo, acabou-se o ter de pedir salas a coletividades e outras associações.

A nova sede, situada em local de fácil acesso, muito próxima de uma estação de Metro, dispõe de alguns gabinetes para trabalho administrativo e reuniões e uma sala maior com capacidade para reuniões do Conselho Nacional ou para pequenas sessões, exposições e outras actividades.

No ano da celebração 50.º aniversário, a URAP congratula-se por poder apresentar esta recente conquista, a nova sede, um objetivo alcançado e motivo de grande satisfação para todos associados.

O Conselho Directivo da URAP agradece as muitas contribuições recebidas nos últimos anos de associados e amigos, donativos que cremos que continuarão, a fim de podermos adquirir o mobiliário indispensável e adequado para tornar o novo espaço acolhedor e funcional.

Reedições e os novos livros em preparação

Para manter viva a memória e honrar a vida de antifascistas e anticolonialistas durante os 48 anos de ditadura, a URAP realiza um trabalho de pesquisa, recolha e divulgação das muitas lutas dos portugueses, juntando em livros informações, testemunhos, documentos e fotos.

Durante o ano de 2026, a URAP prosseguirá esse trabalho editorial, e continuará igualmente a divulgar nomes, um a um, dos antifascistas - mulheres e homens - que passaram pelas sinistras cadeias do fascismo.

Assim, está já disponível o livro ainda em Dezembro deste ano estarão disponíveis o livro **"1945 – 2025, nos 80 anos da derrota nazi-fascismo"**, de uma nova coleção, "Cadernos da URAP", que reúne intervenções proferidas nas conferências realizadas pela URAP, nos meses de Maio e Junho, para assinalar os 80 anos do final da II Guerra Mundial.

Para serem lançados no próximo mês de Abril estão a ser ultimados dois livros: **"1926 - 1974 A Resistência Antifascista em Santarém"**, e **"Contributos para a história da resistência e luta antifascista em Setúbal e Palmela"**.

Em fase avançada de preparação, para saírem em Outubro de 2026, encontram-se mais dois livros da coleção "Páginas de Memória". O livro que assinalará os **90 anos da abertura do Tarrafal**; e outro sobre a **antiga cadeia da PIDE no Porto**. Este último contém muita informação e irá, certamente, ajudar a luta pela criação do Museu Antifascista no Porto, nas instalações da Rua do Heroísmo, uma das cadeias do fascismo por onde passaram milhares de antifascistas.

A URAP está igualmente a preparar os primeiros três livros sobre a resistência ao fascismo de algumas classes profissionais, como **médicos, enfermeiros e advogados**. Para tal, grupos específicos de trabalho estão a investigar nos arquivos centrais da Torre do Tombo e de outras instituições, a procurar testemunhos e informação junto dos próprios ou de familiares, na imprensa legal e clandestina da época e a percorrer arquivos pessoais.

Ao mesmo tempo, têm saído reedições de obras já publicadas. A 6.ª edição do "Forte de Peniche, memória resistência e luta"; a 5.ª edição de "Elas estiveram nas prisões do fascismo", e a 2.ª edição de "Os presos e as prisões em Angra do Heroísmo". Em breve, já em fase de preparação, teremos ainda a 2.ª edição de "Cadeia de Caxias, a repressão fascista e a luta pela liberdade".

Livro sobre Peniche apresentado em Almada

Realizou-se no passado dia 3 de Dezembro no Clube Recreativo Piedense, em Almada, uma sessão para apresentação do livro da URAP "Fortaleza de Peniche, Memória, Resistência e Luta", um dos muitos livros já publicados pela URAP pertencentes à colecção "Páginas de Memória". Perante uma plateia muito interessada, a sessão foi dirigida por Carlos Mateus, membro do Conselho Diretivo da URAP e a apresentação do livro ficou a cargo de Pedro Soares, Coordenador Nacional da URAP.

José Pedro Soares referiu a história e as condições de vida nas várias cadeias do fascismo, desde as cadeias de Peniche e de Caxias, onde esteve preso, passando pela Fortaleza de São João Batista, na Ilha Terceira, onde no conjunto estiveram várias dezenas de milhar de presos políticos, sob forte repressão e limitação de direitos humanos.

Após o elogio de presentes pelo trabalho realizado pela URAP, e pela reafirmação de que a atividade da URAP prosseguirá sem desânimo face à complexa situação política nacional e internacional, a sessão foi encerrada com os agradecimentos ao CRP pela disponibilização das suas instalações para o evento.

Nesta rubrica, damos voz aos núcleos, que em vários pontos do País desenvolvem uma intensa actividade e divulgam os valores, princípios e causas da URAP. Com ela pretende-se partilhar experiências para reforçar a capacidade de acção da URAP

Núcleo do Barreiro

O Núcleo do Barreiro da URAP tem actualmente cerca de 90 associados, entre os quais uma dezena de antigos presos políticos. Um número mais restrito mantém reuniões frequentes e o colectivo é mobilizado para participar nas actividades centrais da URAP e em iniciativas locais, como sessões evocativas de lutas antifascistas, a venda de livros das edições da URAP ou ainda contactos para a cobrança das quotizações.

Cerca 80% dos inscritos paga quotas regularmente, embora mais de uma dezena de associados o faça noutros núcleos ou através de transferência bancária para a sede central.

Destacamos a actividade nas escolas da região, junto de professores, com acções de Formação Profissional subordinadas à luta antifascista, com visitas a locais da «Rota da Resistência no Barreiro», bem como muitas sessões e conversas com os alunos sobre o 25 de Abril de 1974. Pensamos, porém, que é necessário insistir nesta frente de trabalho.

Nesse sentido, o núcleo está a colaborar com o Museu Nacional Resistência e Liberdade, na Fortaleza de Peniche, através do projecto «Guardiãs e Guardiões da Memória», para acções conjuntas junto da comunidade escolar de algumas escolas do Barreiro.

Um outro objectivo é também continuar a intervir na sociedade barreirense, divulgando os objetivos da URAP, tanto no campo da memória antifascista, como na luta em defesa dos valores conquistados com a Revolução de Abril.

Destinado à sociedade civil, organizámos recentemente um Encontro/Debate sobre a Constituição da República Portuguesa e a sua actualidade.

O núcleo pretende atingir os 100 associados em 2026, ano em que se vão comemorar os 50 anos da fundação da URAP.

Núcleo de Coimbra

O Núcleo de Coimbra da URAP conta com 38 sócios. É coordenado por um executivo de sete sócios, três dos quais integram os corpos sociais da URAP. Reúne com alguma regularidade, analisa e discute a actividade e leva à prática as iniciativas que define.

Em 2025, o núcleo realizou fundos através da venda de livros editados pela URAP e da recolha de quotização. No ano anterior, promoveu as comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril em Coimbra, assinaladas sobretudo em escolas. Em 2025, voltou às escolas, tendo efectuado iniciativas em escolas de Condeixa-a-Nova e Cantanhede para alunos e professores de vários anos de escolaridade. Foi orador Clemente Alves, ex-preso político.

A exposição da URAP esteve patente nessas duas escolas e também no Museu Municipal Louzã Henriques na Lousã; na sede do Jornal Trevim – Lousã; no Espaço de Exposições do Coimbra Shopping; no Espaço 25 à Rua Adelino Veiga, no Colégio Rainha Santa Isabel; na Escola Rainha Santa Isabel, Pedrulha; na Escola Jaime Cortesão; na Escola EB23 de Penacova; na entrada principal dos Hospitais da Universidade de Coimbra, na sede da Banda Filarmónica de Alfarelos. O filme «A Cor da Liberdade» foi exibido na Escola D. Diniz, seguido de debate, com a presença de 45 pessoas e participação de José Pedro Soares, coordenador da URAP.

O livro sobre a prisão de Caxias foi apresentado na Biblioteca Municipal de Coimbra no dia 12 de Abril, por José Pedro Soares, Jorge Seabra e Beatriz Rosa. No jantar convívio do núcleo, a 13 de Junho, com 90 pessoas, intervieram João Luís Madeira Lopes e Jorge Seabra, enquanto Rui Damasceno disse poesia. O núcleo esteve representado no IV Encontro pela Paz, em 31 de Maio, no Seixal, onde se deslocou em autocarro com 37 pessoas. Juntou-se às comemorações dos 90 anos da insurreição do 18 de Janeiro na Marinha Grande e colaborou na recolha de assinaturas a apelar à criação de um Museu da Resistência Antifascista na antiga delegação da PIDE no Porto.

A URAP esteve presente e desfilou nas Comemorações Populares do 25 de Abril em Coimbra, em que participaram 145 organizações, dinamizadas pelo Ateneu de Coimbra.

Está em curso a preparação de um livro sobre os presos políticos que passaram pela prisão da PIDE em Coimbra.

URAP investiga documentos na Torre do Tomb prisões e cadeias da PIDE e polícias p anteriores (1926-1974)

Com base em documentação da Torre do Tombo e do Arquivo Histórico Militar, o ***"URAP Projecto Alfredo Caldeira (1908-1938)"*** tem vindo a desenvolver, desde 2019, um trabalho de investigação de registos, recolha e tratamento de dados com vista a aprofundar o conhecimento sobre os presos, as prisões e as cadeias do fascismo entre 1926 e 1974, assim contribuindo para preservar a memória da resistência e luta contra o regime que explorou e oprimiu a povo português durante quase meio século.

Um dos principais objectivos é proporcionar aos núcleos locais da URAP, e a outros interessados em conhecer e divulgar a resistência e luta antifascista nos seus concelhos, listas de nomes dos presos da PIDE e polícias políticas anteriores, naturais ou residentes em cada concelho do país.

Para cada preso, e para além dum número e do nome, registam-se os seguintes dados de identificação: data de nascimento, naturalidade, sexo, profissões e residências, bem como a informação relativa às prisões, cadeias onde estiveram detidos e datas de entrada e saída em cada uma delas.

A informação recolhida é centralizada numa plataforma informática, a partir da qual é possível produzir listas de presos por concelho, por cadeia[1] , por profissão[2], ou por outros critérios[3], ou ainda obter informação estatística resultante da agregação e cruzamento dos dados referidos acima.

O trabalho do Projecto tem incidido sobre os três mais importantes registos de presos das polícias políticas do regime fascista (1926-1974) disponíveis na Torre do Tombo:

- **Registo Geral de Presos da PIDE - RGP**
- **Fichas de Cadastro**
- **Ordens de Serviço da PIDE**

No Registo Geral de Presos da PIDE e nas fichas de cadastro, apuraram-se mais de 34 mil presos e 44 mil prisões, o que está longe do número efectivo de presos das polícias políticas do fascismo. O levantamento ainda a decorrer centrado nas Ordens de Serviço aponta para mais uns milhares de presos e prisões, para além dos que se encontram no RGP e no Cadastro.

Para além dos nomes que constam nestes três registos, muitos foram os homens e mulheres presos pela sua participação na resistência e luta antifascista, e em que são poucos ou nenhuns os registos de presos desses acontecimentos no RGP ou no Cadastro, como são os casos, entre outros, dos presos da Revolta do Leite na Madeira, no Verão de 1936, o motim do povo de Peniche, em Novembro de 1935, conhecido como a «Revolta das Espoletas», as Greves e Marchas da Fome de Maio de 1943 e 1944, a greve de operários agrícolas e outros trabalhadores, a 20 de Maio de 1945, em Montemor-o-Novo, ou os estudantes e outros democratas presos na Cantina da Universidade de Lisboa em 1962.

Para além dessas omissões há ainda a considerar os presos da PIDE nas ex--colónias, da ordem dos muitos milhares, e de que pouquíssimos constam no RGP.

Graças à dedicação e trabalho aturado da equipa do Projecto, a URAP dispõe agora de um poderoso instrumento de trabalho ao serviço de interessados em conhecer e compreender o que foi aquele período negro da nossa história.

Esta informação, também divulgada através dos livros da URAP, proporciona às novas gerações - e em particular aos descendentes dos presos - um reavivar de memórias colectivas e de âmbito familiar daqueles que resistiram e lutaram pela Liberdade, Democracia e Justiça Social.

1 - Como por exemplo a lista de presos do livro de Caxias, ou a lista da 6ª edição do livro de Peniche. As listas das anteriores edições do livro sobre a cadeia do Fortaleza de Peniche são da responsabilidade de Olga Macedo, e a lista do livro sobre a cadeia do Forte de Angra do Heroísmo da responsabilidade de Celestina Leão.

2 - Encontram-se em preparação três livros sobre a resistência e luta de Médicos, Enfermeiros e Advogados.

3 - Por exemplo as listas de presas dos livros "Elas estiveram presas nas cadeias do fascismo", e "Mulheres do sul fizeram a Reforma Agrária".

bo sobre presos, olíticas

O patrono do projecto

Alfredo Caldeira, que dá o nome a este Projecto, é o preso número 1 do Registo Geral de Presos da PIDE e foi um destacado lutador antifascista, jovem militante e dirigente do PCP. Passou por diversas cadeias do fascismo, incluindo a do Tarrafal, onde morreu em 1938, com 30 anos de idade, vítima duma biliosa não tratada, quando já tinham passado três anos sobre o final da pena a que tinha sido condenado.

Alfredo Caldeira (1908-1938)

Equipa do "URAP Projecto Alfredo Caldeira (1908-1938)"

Equipa actual, alguns desde 2019

António Ribeiro, António Ricardo, Carlos Inácio, Dolores Parreira, Francisco Nabais, Georges Lamberto, Joana Gonçalves, J Eduardo Brissos, José Gama, José Marcelino, José Pedro Soares, Manuela Pires e Pedro Lopes.

Também participaram no Projecto anteriormente

Anabela Carlos, Carlos Mateus, Catarina Aires, Francisco Canelas, Humberto Moreira, Palmira Areal e Pedro Sá.

Evocação da fuga de Caxias de 4 de Dezembro de 1961

A URAP, com o apoio do Município de Oeiras, realizou no dia 6 de Dezembro, no Palácio Egipto, em Oeiras, uma sessão evocativa da histórica fuga de Caxias moderada por César Roussado, do Conselho Directivo, na qual participou o ex-preso político Domingos Abrantes.

Em 4 de Dezembro de 1961, num dia límpido e de sol luminoso, evadiram-se da cadeia do Forte de Caxias um grupo de oito presos políticos, numa fuga audaciosa, dentro do carro blindado que Hitler tinha oferecido a Salazar. O automóvel encontrava-se, há muito tempo, guardado no estacionamento daquela cadeia.

Tratou-se de um acto revestido de muito risco e heroísmo, preparado minuciosamente ao longo de muitos meses. Uma histórica fuga que depois correu o país e o mundo.

Perante uma assistência de mais de 120 pessoas, algumas delas ex-presos políticos, Domingos Abrantes, o único participante da fuga que continua vivo, descreveu com minúcia como decorreu a preparação e execução da fuga. Os presentes «beberam» cada palavra do narrador, cada passo e as imagens mais significativas da cadeia, do portão por onde os presos fugiram, com a GNR a disparar raivosamente contra o carro preto de Salazar.

Domingos Abrantes valorizou António Tereso, mecânico, figura chave no êxito da iniciativa, que se fez passar por «rachado» (traidor) para cair nas graças de um agente da PIDE e do Director do Forte, arranjando o carro de Salazar para a fuga que se aproximava.

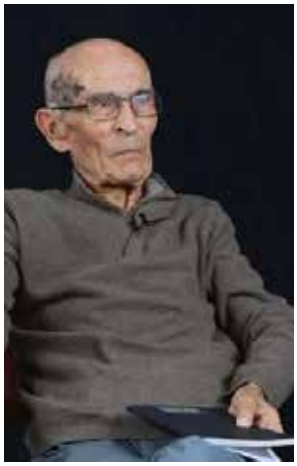
Esta sessão evocativa está integrada na exposição «Resistência e Liberdade… tanta história para contar», que se encontra no Palácio Egipto até final de Abril.

Domingos Abrantes agradeceu ainda o contributo do Município de Oeiras no trabalho desenvolvido para manter a memória viva nos tempos cinzentos e que escurecem.

Antifascistas falecidos cujo exemplo permanece

Os antifascistas falecidos nos últimos meses, que aqui evocamos, deixam exemplos de entrega sem limites à causa da liberdade e da democracia em Portugal. Nomeamo-los «um a um» para que continuem ao nosso lado na luta que foi a sua.

Manuel Pedro



Resistente antifascista, fundador e membro da URAP, preso três vezes, na última das quais foi libertado a 27 de Abril de 1974 do Forte de Peniche, na sequência da revolução, Manuel Pedro morreu dia 1 de Dezembro, aos 94 anos.

Membro do Partido Comunista desde 1956 e mais tarde dirigente - do Secretariado, do Executivo da DORL e do Comité Central de 1974 até 1988 -, nasceu em Lisboa a 19 de Agosto de 1931. Trabalhou, desde os 11 anos, primeiro num restaurante, depois numa fábrica de curtumes e num armazém. Era empregado de seguros quando foi preso pela primeira vez, em 1958.

Foi um dos fundadores e dirigente do Cineclube Imagem e fez parte da delegação de jovens portugueses ao VI Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes em Moscovo, em 1957.

Após o 25 Abril de 1974, depois de sofrer no total 11 anos de prisão, Manuel Pedro foi uma testemunha viva da vida nas cadeias do Aljube, Caxias, Paços de Ferreira e Peniche. Partilhou as suas memórias de resistência à ditadura, em iniciativas da URAP, em escolas e outros espaços.

Manuel Pedro escreveu dois livros baseados na sua experiência de vida e militância: «Sonhos de Poeta, Vida de Revolucionário» e «Resistentes».

António Borges Coelho

«Nomeai um a um todos os nomes. Lutaram e resistiram. A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta fortaleza», lê-se no Memorial aos Presos Políticos na Fortaleza de Peniche. É um excerto de um poema de António Borges Coelho, que morreu, dia 17 de Outubro, aos 97 anos.

Membro do Conselho Nacional da URAP, António Borges Coelho foi historiador, escritor, antigo preso político, resistente antifascista e um democrata no Portugal de Abril. Nascido em Murça em 1928, estudo na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e depois na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo concluído a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas.

Em 1949 integra o MUD Juvenil e, depois, o Partido Comunista Português (PCP). A 3 de janeiro de 1956, já como funcionário do PCP na clandestinidade, é preso pela PIDE e enviado para a cadeia do Aljube. Enviado para o Forte de Caxias e depois para a delegação da PIDE no Porto, sendo julgado em 1957. Condenado a 2 anos e 9 meses de prisão, com medidas de segurança, vai cumprir pena no Forte de Peniche, onde permanecerá durante seis anos. Ainda em Peniche, casa com Isaura Silva, enfermeira antifascista e sócia e amiga da URAP, e em 1962 é-lhe concedida liberdade condicional por um período de 5 anos.

Em 1968, trabalha no jornal A Capital, como jornalista, e mais tarde no Diário de Lisboa, Diário Popular, Vértice e Seara Nova. Catedrático jubilado da FLUL publicou obras como «As Raízes da expansão portuguesa», «A Revolução de 1383», «Questionar a História», «A Inquisição em Évora» e vários volumes da História de Portugal.

António Borges foi agraciado, em 1999, com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada; em 2018, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade; e em 2019, com a Medalha de Mérito Cultural.

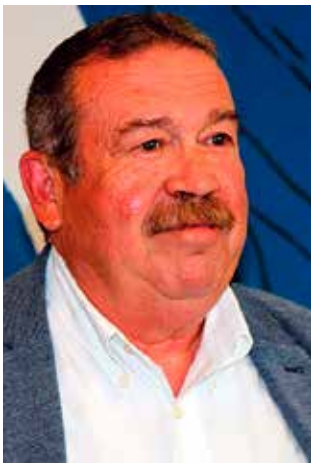
Cristina Nogueira

Cristina Nogueira, professora, democrata, sindicalista, autarca e companheira de muitas iniciativas da URAP, morreu, dia 10 de Outubro, no Porto, aos 58 anos, após doença prolongada.

Professora, doutorada em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, foi investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas e membro do Conselho Directivo da Universidade Popular do Porto.

Cristina Nogueira, nascida no Porto em 1967, era militante do PCP e autora do livro «Vidas de Clandestinidade», obra que tem por base parte da investigação desenvolvida na tese de doutoramento da autora, na qual retrata as vidas clandestinas dos militantes do Partido Comunista durante a ditadura fascista.

Libério Domingues



Destacado sindicalista, Libério Violante Domingues faleceu aos 68 anos. Natural de Torres Novas, começou muito novo a trabalhar como aprendiz de estofador, passando em 1974 ao quadro dos trabalhadores do município de Lisboa.

Foi eleito delegado sindical em 1986 e dirigente três três anos depois. Foi coordenador do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa (STML) e integrou, entre 1993 e 2008, a direcção da União dos Sindicatos de Lisboa, da qual foi coordenador entre 2008 e 2024. Membro do Conselho Nacional da CGTP-IN, de 1996 a 2024, integrou a Comissão Executiva entre 2008 e 2024. Era membro na Direcção Nacional da Inter-Reformados e presidente da Assembleia Geral da Voz do Operário.

Militante do PCP desde 1977, integrou o Comité Central durante 16 anos.

Era membro da URAP.

Assembleia da República recomenda criação de Museu da Resistência Antifascista no Porto

A Assembleia da República aprovou, dia 26 de Setembro, uma Resolução que recomenda ao Governo a criação de condições para constituir o Museu da Resistência Antifascista do Porto no edifício do Heroísmo, antiga cadeia do fascismo, onde actualmente se encontra o Museu Militar.

A Resolução foi apresentada pelo grupo parlamentar do PCP e contou com os votos favoráveis deste partido, do PS, Livre, BE e PAN, os votos contra do Chega e do CDS, e a abstenção do PSD e da IL.

Segundo a Resolução, o governo deverá adoptar as seguintes medidas:

1. A valorização e o apoio à implementação do projecto Do Heroismo à Firmeza - Percursos da memória na casa da Pide no Porto (1936-1974), em curso.

2. Que, para a implementação deste projecto, seja envolvida a URAP, alargando e valorizando o projecto em curso e integrando igualmente a experiência adquirida em todo este processo e o acesso às fontes que integram os contributos e testemunhos de quem lutou, resistiu e sobreviveu à passagem pelo edifício do Heroísmo.

3. A calendarização da concretização da deslocalização do actual Museu Militar para, no edifício do Heroísmo, construir um Museu da Resistência Antifascista no Porto.

4. A criação da Rede Nacional de Museus da Resistência, em respeito pela autonomia do Poder Local, permitindo a articulação entre o Museu do Aljube-Resistência e Liberdade de Lisboa, o Museu Nacional da Resistência e Liberdade, de Peniche, e o futuro Museu da Resistência e Liberdade, do Porto.

Numa votação posterior, que concretizaria o consagrado na resolução, PSD, Chega e CDS chumbaram a proposta do PCP para incluir uma verba no OE para a construção do Museu.

Solidariedade com a Palestina

No Dia Internacional de Solidariedade com o Povo da Palestina, 29 de Novembro, a URAP esteve presente nas manifestações de Lisboa e do Porto.

Há que pôr fim ao genocídio do povo palestino e à escalada de guerra no Médio Oriente levada a cabo por Israel - com o apoio dos Estados Unidos e também da União Europeia - e garantir a concretização dos direitos nacionais do povo palestiniano e a segurança e a paz para os povos da região. Mais de 80 por cento dos edifícios foram completamente destruídos ou danificados, existindo ainda milhares de corpos presos nos escombros. Desde que o cessar-fogo entrou em vigor, em 10 de Outubro, já morreram 367 pessoas e ficaram feridas 953. E Israel continua a controlar 54 por cento da Faixa de Gaza.

Não podemos permitir que a guerra continue a ser tratada como uma solução. A guerra serve os interesses de poderosos grupos económicos que lucram com a indústria armamentista, os combustíveis e as matérias-primas e causou destruições humanas e materiais de dimensões incomensuráveis.

Há que dar lugar à diplomacia e à solução política dos conflitos, rejeitando a ameaça ou o uso da força nas relações internacionais, e defender o respeito pelos princípios da Carta das Nações Unidas e da Acta Final da Conferência de Helsínquia.

Concerto no Fórum Lisboa

Já antes, a 18 de Outubro, uma manifestação decorrera da Praça do Areeiro até ao Fórum Lisboa, onde, onde se realizou um Concerto pela Paz e de Solidariedade com a Palestina, com a presença de uma delegação da URAP.

Organizado pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação e pelo Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e a Paz no Médio Oriente (MPPM) actuaram artistas como Prétu, Boémia, Freddy Locks, Expresso Transatlântico, Handala Dabke e Jorge Barata, que foram apresentados por Joana Figueira.

FIR toma posição sobre a extrema-direita europeia

A Federação Internacional de Resistentes (FIR) alertou, em comunicado, para o fortalecimento da extrema-direita, e não apenas na Europa, destacando as eleições para o Parlamento Europeu e várias eleições parlamentares que mostram essa tendência.

Para a FIR, a reunião em assembleia geral, em Madrid, no início de Fevereiro, dos «Patriotas pela Europa» (PfE), uma secção da extrema-direita no Parlamento Europeu, é exemplo disso. O PfE compreende um total de 14 partidos de 12 estados-membros da UE, sendo atualmente o terceiro maior grupo, com 86 membros do Parlamento Europeu. O PfE inclui um primeiro-ministro (Viktor Orbán, Fidesz/Hungria), dois vice-primeiro-ministros (Matteo Salvini, Lega/Itália, e Fleur Agema, Partij voor de Vrijheid/Holanda) e um potencial primeiro-ministro (Herbert Kickl, FPÖ/ Áustria).

Há também políticos como Andrej Babiš (ANO 2011), que venceu as eleições na República Checa, e Marine Le Pen (Rassemblement National/França), que é considerada uma possível vencedora das eleições presidenciais na França, em 2027.

O membro do PfE Vlaams Belang saiu vitorioso das eleições europeias na Bélgica. O membro espanhol do PfE Vox, por outro lado, já esteve envolvido em coligações governamentais em várias das 17 regiões autónomas de Espanha. Martin Helme, líder do partido PfE Eesti Konservatiivne Rahvaerakond (EKRE), foi ministro das Finanças da Estónia de 2019 a 2021.

A vitória eleitoral de Trump e as suas primeiras acções como presidente dos EUA foram celebradas com entusiasmo.

No evento, o presidente da Vox, Santiago Abascal, pediu que fossem intensificados a nível da UE os contactos com outros partidos da extrema-direita. Mencionou explicitamente os partidos Conservadores e Reformistas Europeus (ECR), no qual a Fratelli d'Italia (FdI) da primeira-ministra italiana Giorgia Meloni é um exemplo, e a AfD, cuja «candidata a chanceler» Alice Weidel pode ganhar as eleições parlamentares alemãs.

Numa referência a Donald Trump, a conferência foi realizada sob o lema «Make Europe Great Again» (MEGA), cujo representante especial Elon Musk desfruta de grande simpatia da PfE. Uma delegação da PfE esteve na posse de Trump em Washington, em 20 de Janeiro.

Nesse quadro, a FIR apela para que membros do Parlamento Europeu e os democratas e antifascistas na Europa combatam contra essas redes de extrema-direita, unindo forças com organizações da sociedade civil numa aliança por uma Europa antifascista.

URAP integra delegação que visitou os acampamentos de refugiados saarauís

César Roussado, do Conselho Directivo da URAP, e Laurinda Bacalhau, do Conselho Nacional, deslocaram-se ao Saara Ocidental, de 22 a 30 de Novembro, integrados numa delegação do Conselho Português pela Paz e Cooperação (CPPC), composta por 33 pessoas.

A convite da Frente Polisário, a delegação incluía ainda elementos da CGTP-IN, FENPROF, MDM, Associação Portugal-Cuba, Associação Iuri Gagarin e participantes individuais. A viagem foi organizada no plano logístico pela Associação Cultural Rotas Vermelhas.

Numa jornada de solidariedade com a Frente Polisário e o povo do Saara Ocidental, a delegação ficou alojada em casas de famílias nos acampamentos de refugiados situados no deserto, em território cedido pela solidariedade argelina.

No acampamento de refugiados, denominado Bojador, vivem 17 000 pessoas em situação precária. Os habitantes sobrevivem em pleno deserto, em condições inóspitas. Praticamente todos os bens são provenientes da Argélia, da solidariedade de várias organizações, e de Cuba, país que fez deslocar médicos para dar assistência e cuidados de saúde, ao mesmo tempo que forma jovens saarauís nesta área vital.

A Frente Polisário, no exílio, organizou um vasto e diversificado programa político, social e cultural, para que a delegação conhecesse a organização estatal, os órgãos do Governo da República Árabe Saarauí Democrática e a própria comunidade.

Realizaram-se encontros com sindicatos, com organização de mulheres e da juventude, escolas, estabelecimentos de saúde e várias associações de resistência dentro do Bojador, para que os visitantes se inteirassem dos múltiplos aspectos da vida social e política do acampamento de refugiados.

A delegação portuguesa interveio no Museu da Resistência, na Associação das famílias das vítimas da repressão, na Casa dos Sindicatos, num encontro com as mulheres saauris e na Universidade, oferecendo nos diversos locais livros e bandeiras da URAP.

Os dirigentes da URAP afirmaram a solidariedade e o compromisso dos Resistentes Antifascistas Portugueses de pugnar pela causa do povo saarauí e divulgar a sua luta pela autodeterminação e independência, promovendo acções de solidariedade em Portugal.

A delegação esteve durante dois dias na capital argelina, Argel, onde teve encontros com a embaixada da Frente Polisário, com a Associação Argélia e o Povo Saarauí e visitou o Museu Nacional dos Mártires El-Moudjahid.

No regresso a Portugal, os representantes das várias organizações que constituíram a delegação portuguesa sentiram-se mais enriquecidos com esta experiência e determinados em promover acções concretas de solidariedade com o povo do Saara Ocidental.

Há 50 anos, a potência colonizadora, a Espanha, abandonou o Saara Ocidental, que foi invadido a Norte por Marrocos, e a Sul pela Mauritânia. Desde então, a Frente Polisário e o povo saarauí têm resistido e lutado pela autodeterminação e independência.

Em pleno século XXI, o Saara Ocidental é a única colónia, em África, ocupada por Marrocos, não respeitando o direito internacional e as resoluções da ONU e de outras organizações, designadamente a realização de um referendo.

O conflito armado no Saara Ocidental iniciou-se em 1973. Intensificou-se após a retirada da Espanha do Saara Espanhol. A partir de 1975, a Frente Polisário, apoiada pela Argélia, travou uma guerra de 16 anos pela independência contra a Mauritânia e Marrocos. Em 1976, a Frente Polisário declarou a criação da República Árabe Saarauí Democrática. Após a anexação do Saara Ocidental por Marrocos e pela Mauritânia, em 1976, e a declaração de independência pela Frente Polisário, a ONU aprovou uma resolução reafirmando o direito à autodeterminação do povo saarauí.

Em 1977, a França interveio quando o conflito atingiu grande intensidade. Em 1979, a Mauritânia retirou-se do conflito e dos territórios, conduzindo a um impasse durante a maior parte da década de 1980.

Depois de vários compromissos, entre 1989 e 1991, foi alcançado um acordo de cessar-fogo entre a Frente Polisário e o governo marroquino. Na época, a maior parte do território do Saara Ocidental permaneceu sob controle marroquino, enquanto a Polisário, como República Árabe Saarauí Democrática, controlaria cerca de 20% do território, para além dos campos de refugiados saarauís ao longo da fronteira argelina.

Em 2019, as conversações entre Marrocos, Frente Polisário, Argélia e Mauritânia foram reiniciadas na sede da ONU, em Genebra, com o objetivo de retomar as negociações sobre o território do Saara Ocidental, estando paralisadas desde 2012.

A urgência de uma frente cultural

Pintura da série "Aborto", de Paula Rego

A cultura tem um lugar fundamental na luta e resistência antifascista num novo quadro em que os neofascistas se apresentam como democratas, dispen-sando camisas castanhas, verdes, negras, azuis, desfiles militarizados e outras demonstrações similares, mas exercendo sempre igual violência sobre os direitos económicos sociais e políticos. É uma luta que se trava universalmente pela liberdade, a igualdade, a justiça social contra os neofascismos que, herdeiros dos primitivos fascismos, se opõem ao humanismo, aos valores universais e que têm avançado velozmente por um território em que, nos anos 80, começou a ser moda afirmar que tinham deixado de existir direita e esquerda, em que alguma esquerda se submeteu às exigências da direita pelo que tinham deixado de haver razões para os confrontos entre esquerda e direita, que se deslocaram para territórios mais confortáveis onde se simulava que a luta de classes tinha deixado de ter razão de persistir, a grande mentira desde sempre perseguida pelas direitas.

Essa diluição política tinha de facto sido iniciada nas áreas culturais, das artes e letras desde muito cedo apresentadas como um território neutro onde os bons espíritos se podiam encontrar para pacificamente debaterem as questões estéticas expurgadas da lama das questões da política e da vida social. Como se, tanto na criação como na fruição das artes, esquerda e direita tivessem sido aplainadas. Uma impossibilidade que um exemplo extremo como a tetralogia de Wagner O Anel dos Nibelungos em que as leituras de esquerda e direita são extremadas entre a adoração espúria dos nazis e o ensaio clássico de Bernard Shaw, O Wagneriano Perfeito[1] que é uma crítica polémica e apaixonada que destrói qualquer hipótese de apropriação pela direita, dos demoliberais aos mais radicais, dessa obra-prima da música. A distanciação entre a vida social e política e as artes, até é desmentida por escritores politicamente conservadores como Vitor Hugo e Balzac ou mesmo assumidamente fascistas como Céline e Erza Pound em que o que procuram colocar à porta lhes entra fragorosamente pelas janelas, acabando por retratar, de forma directa ou oblíqua, as lutas de classes e a decadência da sociedade no seu tempo.

A exasperação dos formalismos que culminam na defesa da arte pela arte que «termina sempre na utilização publicitária do trabalho sobre a forma»[2]. Arte pela arte que Walter Benjamin denuncia: «Fiat ars - pereat mundus [que se faça arte mesmo que o mundo pereça], diz o fascismo, que, como confessou Marinetti, espera da guerra a satisfação artística transformada pela técnica…» Trata-se visivelmente da consumação da arte pela arte. A humanidade, que antigamente com Homero, foi objecto de contemplação para os deuses olímpicos, tornou-se objecto de contemplação para si própria. A alienação de si própria atingiu o grau que lhe permite viver a sua própria aniquilação como um prazer estético de primeira ordem. É assim a estetização da política praticada pelo fascismo. O comunismo responde-lhe com a politização da arte»[3] Nem sempre a politização da arte acaba por resultar em obras de arte como muito antes das perversões jdanovistas, com lamentáveis incursões nas artes, Engels no Anti-Durhing[4] tinha advertido «as coisas correm ainda pior para as verdades eternas no terceiro grupo das ciências, as ciências históricas que estudam, na sua sucessão histórica e no seu resultado presente, as condições de vida dos homens, as relações sociais, as formas do Direito e do Estado, com a superestrutura ideal feita de filosofia, religião, arte etc. (…) assim quem parte, neste domínio, à caça de verdades definitivas, em última análise, verdades autênticas, absolutamente imutáveis, poucos resultados obterá além de banalidades e de lugares-comuns da pior espécie».

Transpondo, com legitimidade, essa advertência para as artes devem os artistas e escritores recusar moldes para verterem as suas criações mesmo que se queiram ou digam revolucionárias,

(1) Shaw, Bernard, *O Wagneriano Perfeito*, tradução Afonso Tristão, Palimpsesto Editora, 2017

(2) Tafuri, Manfredo, *Projecto e Utopia*, p. 111, tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira, editorial Presença, 1985

(3) Benjamin, Walter, *A Obra de Arte na Época da sua Possibilidade de Reprodução Técnica*, p. 241, in A Mo**d**ernidade, Obras Escolhidas de Walter Benjamin 3, edição e tradução João Barrento, Assírio & Alvim, 2006

(4) Engels, Friedrich, *Anti- Durhing*, p. 123, tradução José Barata Moura, edições Avante, 2002

esclerosando--se em modelos que acabam por os distanciar da realidade, ficando presos nos cronómetros do tempo, deixando-se colonizar pela política, sem perceberem as exigências da produção artística e as exigências que são colocadas pela evolução dos conceitos estéticos. Atolam--se nas vulgatas marxianas que são o outro lado do espelho da inventividade teórica de Marx e Engels, acabando por emparceirar com as perversões da alienação como esclareceu Fredric Jameson, em que arte não é mais que um adorno para a sociedade até se assumir sem qualquer ruga de dúvida numa mercadoria no nicho do mercado dos objectos de luxo. Para melhor o exemplificar Jameson contrapõe as botas camponesas de Van Gogh como representação «do mundo dos objectos da miséria agrícola, da espantosa pobreza rural, do bestial mundo rudimentar do trabalho camponês, no seu aspecto mais primitivo e marginalizado» aos sapatos a brilhar pó de diamante de Warhol que sintetiza um dos problemas centrais das artes no pós-modernismo «a conversão dos objectos em mercadorias que colocam num primeiro plano o feitichismo da mercadoria (...) um novo tipo de superficialidade no seu sentido mais literal, um populismo estético»[5].

As excepções a estado de coisas são raras e enfrentam os dilúvios de obras normalizadas das indústrias culturais e criativas que as procuram submergir, consequência óbvia da dominância do mercado em que se promove uma cultura de impacto máximo e de obsolescência imediata porque o mecado não pode prosperar sem uma sucessão acelerada de modas e episódios públicos, a grande maioria inconsequentes, como Adorno e Horkheimer já tinham enunciado[6]. É um caminho que perverte a cultura e «tudo o que degrada a cultura encurta o caminho para a servidão» como Camus escreveu[7], pelo que no seu estado actual o lugar do juízo estético foi ocupado pela fascinação obsessiva no excesso de labirintos que se sucedem velozmente sobrepondo--se e corroendo as grandes unidades ideológicas, sociais, económicas e culturais marcando o fim da modernidade, em que todas as esperanças se diluem num perdido horizonte em que a cultura deixa de ser uma presença viva como relembra Blanchot quando afirma uma evidência: «é secretamente dramático saber que a cultura não pode fazer mais do que desdobrar-se gloriosamente no vazio contra o qual nos protege dissimulando-o»[8].

As excepções a este estado de coisas são raras e enfrentam os dilúvios de obras normalizadas das indústrias culturais e criativas que as procuram submergir. Contra este estado de coisas por cá há a assinalar as obras cinematográficas e as criações teatrais de Marco Martins, as pinturas de Rogério Ribeiro, Bartolomeu Cid dos Santos ou José Santa-Bárbara, os cartoons de João Abel Manta ou a série sobre o aborto de Paula Rego, quando na Assembleia da República e na sociedade civil se travava um aceso debate sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez, os poemas de Manuel Gusmão «contra todas as evidências (...) nós somos a esperança que não fica à espera», que se destacam entre outras obras atentas e directamente relacionadas com o estado de sítio desta sociedade sem dignidade e que não tem dignidade para oferecer, em que a dominante é o kitsh que Milan Kundera define como «a tradução da estupidez e dos lugares comuns na linguagem da emoção»[9].

Bartolomeu Cid dos Santos, É Preciso não Esquecer

O que se exige nestes tempos de ventos da história adversos é que se organize uma frente cultural com o árduo trabalho de redefinir políticas culturais em que a democratização da cultura, nos planos da criação e da fruição, em que as artes e as letras se encontrem com a política configurando os seus espaços, explorando os seus materiais e instrumentos com autonomia para não se deixar colonizar pela política mas sem perder a sua relação concreta e directa com o espaço político para intervir no mundo, para se implicar na sua transformação porque a cultura é sempre um espaço de transição entre o que existe e o que se modifica seja na natureza ou no espírito dos homens, por força do trabalho enquanto progresso da humanidade.

Trabalho poético «na "tradição dos oprimidos" (Walter Benjamin), aprendemos a não ceder aos desastres, aprendemos a trabalhar para estoirar o tempo contínuo das derrotas e a perscrutar os momentos em que algo de diferente foi possível, mesmo que por umas semanas ou meses ou décadas. O trabalho da esperança que magoa ensina-nos que o que foi possível, e logo derrotado, será possível (de outra forma), outra vez» como assertivamente afirmou Manuel Gusmão[10].

Manuel Augusto Araújo
Arquitecto

(5) Jameson, Fredic, Posmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism, p. 24-26, New Left Review, 146 jul.ag, 1984
(6) Adorno, Theodor/ Horkheimer, Mark, *A Indústria Cultural*, Paz e Terra, 2002
(7) Camus, Albert, *Actuelles*, Folio, 1997
(8) Blanchot, Maurice, *O Livro por Vir*, p. 22, tradução Maria Regina Louro, Relógio d'Água, 1984
(9) Kundera, Milan, *A Insustentável Leveza do Ser*, tradução Joana Varela, edições Dom Quixote, 1972
(10) Gusmão, Manuel, *Uma Razão Dialógica*, edições Avante, 2011

A revolta da Marinha Grande foi há 92 anos

A URAP convida a população da Marinha Grande a evocar a insurreição do 18 de Janeiro de 1934, quando a entrada em vigor do Estatuto Nacional do Trabalho, fascista, e a proibição dos sindicatos livres levantou uma onda de protesto dos trabalhadores e do movimento sindical, que levou à convocação de uma greve geral revolucionária, com o objectivo de derrubar o governo de Salazar.

A insurreição falhou e muitos sindicalistas do 18 de Janeiro iriam inaugurar, em 1936 (juntamente com comunistas, anarquistas e participantes na Revolta dos Marinheiros), o Campo de Concentração do Tarrafal, nos moldes dos campos nazis, e de onde 42 dos deportados não regressariam vivos.

URAP contra o pacote laboral

A URAP esteve presente, dia 8 de Novembro, na marcha nacional contra o pacote laboral. Foi uma jornada em defesa da democracia, pelo direito à greve, pelos direitos sindicais, contra os despedimentos sem justa causa, contra o retrocesso. O pacote laboral é para cair, como ficou evidente na grande greve geral de 11 de Dezembro, que a URAP apoiou.

90 anos de Maria José Ribeiro

O núcleo do Porto promove um jantar de celebração a Maria José Ribeiro, ex-presa política e membro do Conselho Nacional da URAP a propósito dos seus 90 anos. A iniciativa tem lugar na segunda-feira, 12 de Janeiro, às 19h30 na "A Beneficência Familiar", Rua Formosa, 349, Porto. Inscrições para: 965 036 637 / 912 909 909 / 964 605 496.

Paga a tua quota, apoia a actividade da URAP

Aproxima-se o final de 2025 com muitas e diversificadas acções e iniciativas. Vamos entrar em 2026 - o ano em que a URAP faz 50 anos de memória, resistência e luta.

Muitas acções e iniciativas estão a ser planificadas. A situação política e social exige da URAP uma forte e coerente intervenção de resistência antifascista .

Para uma melhor e mais reforçada intervenção da URAP é necessário melhorar o trabalho organizativo e na área dos fundos. A todos os sócios da URAP está colocado o desafio de regularização das quotas para que o novo ano se inicie com forte actividade.

O NIB da URAP é o seguinte:

0007 0021 0014 3750 00653